



16 de Janeiro de 2020

Rita Frias

"O Ultramar talvez tenha sido a única guerra construtiva do mundo"



Voluntariou-se para o serviço militar...

Fui para a tropa por motivos familiares e por motivos académicos. Tinha passado para o 3º ano da universidade sem ter estudado nada de especial.

Alistei-me na Marinha de Guerra Portuguesa. Sou do 22º CFORN (Curso de Formação de Oficiais da Reserva Naval), na Classe de Fuzileiros e entrei na 1ª incorporação de 1973. O curso de fuzileiros forma o carácter da pessoa no seu mais íntimo. Chega ao tutano quer a nível físico quer a nível psíquico. Dá-nos capacidades instintivas, como capacidade de discernimento em circunstâncias críticas, segurança na mata, autoestima para nos sentirmos à vontade no meio envolvente por mais estranho que seja, adrenalina para enfrentarmos os perigos da melhor forma, fazer fogo instintivo com as armas, entre outras coisas. Iniciei o curso básico na Escola Naval, durante 2 meses, e depois fui para a Escola de Fuzileiros onde estive 6 meses. Entrei em Fevereiro e jurei Bandeira em Outubro. Em Janeiro do ano seguinte, estava a caminho de África. Apanhei a guerra e a fase final da guerra. Vim evacuado a 20 de Maio de 1975.

Fale-nos um pouco das suas funções.

Comecei no Lago Niassa, no Comando da Defesa Marítima dos Portos. As minhas tarefas consistiam em serviços de oficial-de-dia, bem como a vigilância das cercas da base, no interior, e no exterior

eram as patrulhas de aproximação. A partir de dada altura, passei a trocar dias de oficial-de-dia, por idas para o mato. Era o chefe de mim mesmo. Estas patrulhas eram feitas em cada 9 dias, passando 3 dias e 2 noites no mato. Nestas, fazia-se a defesa da unidade criando um perímetro de segurança: era um percurso realizado à volta de um perímetro até 20 quilómetros de profundidade. Era uma tarefa repartida pela Marinha, Milícias e o Exército, pois este também tinha um aquartelamento lá. Tínhamos sectores diferenciados para não haver encontros de pessoas, ou seja, nós tínhamos o sector mais a sul, o Exército no centro e a Milícia no norte. Além disso, estive a comandar o Estacionamento Militar do Cobiú. Fui o último comandante numa altura em que praticamente houve os problemas em Omar, em que a Frelimo (Frente de Libertação de Moçambique) entrou lá e ocupou o quartel. Tomei medidas de segurança desde logo do início. Estive 21 dias e não tivemos problemas maiores, embora tivéssemos tido peripécias. Depois, vim para a Beira, para o Comando da Defesa Marítima dos Portos onde estive até ser evacuado devido a um acidente em serviço.

Como ocorreu o acidente?

Fiquei mais 1 dia na Beira. O meu pelotão foi para Lourenço Marques, mas eu estava com o cargo de ligação no

"O Ultramar talvez tenha sido a única guerra construtiva do mundo"

aeroporto. O pessoal da Marinha, para sair, dirigia-se a mim porque eu fazia a coordenação do embarque e do 'ckeck in'. Entretanto, no dia 27 de Abril de 1975, um amigo da PM regressou à Metrópole. Eu pedi ao comandante para ficar mais esse dia só para fazer essa despedida. Acabei depois por ir para uma zona próxima da Beira e o carro saiu-me da estrada. Já cheguei à conclusão que tinha havido sabotagem da Frelimo porque o carro tinha estado a ser reparado numa garagem da Beira. Passados anos, quando fui à Escola de Fuzileiros, o Sargento Romão (que era o sargento que se encontrava na Beira naquela altura), veio dizer-me: "Ainda ganhei dinheiro com o teu acidente. O carro tinha sido reparado na direcção, esta bloqueou e tu capotaste". Portanto, presumo que tenha sido isso. Já conduzo desde os 12 anos. Lá no Alentejo, andávamos de tractor para todo o lado. Menos para a estrada (risos). O acidente ocorreu após ter estado uma semana em Angola. Tinha estado no Continente de férias e fui à Marinha pedir transporte para Moçambique. Quando cheguei a Figo Maduro, o aeroporto militar, perguntei se o avião não parava em Angola. Responderam afirmativamente e assim fui.



Sentiu medo alguma vez?

Em Angola, senti o maior medo (só tenho medo do que desconheço) da minha vida. Estávamos em vésperas de fazer um ano do 25 de Abril. Foi na Ilha de Luanda, um areal extenso, lindo como tudo em África. Quando saio do autocarro, começo a dirigir-me para a praia e reparo que não levava fato de banho comigo. Volto para a paragem e aparece um sujeito novo a querer que lhe trocasse 50\$00. Como lhe disse "se gozas comigo, faço-te sangue na crista e mando-te para a torre", ele respondeu que eu "queria cortar-lhe o pescoço e ia dizer na milícia", e larga-me a correr para 2 homens de camuflado que se viam ao longe. Optei pela retirada estratégica por entre o arvoredo em vez de ficar à espera do autocarro dos milícias. Mais tarde, em leitura de livros recentes que relata uma situação com o Comandante Teixeira da Silva, também em Luanda, vi o perigo que passei.

As nossas costas estavam muitas vezes protegidas pela informação que a PIDE nos dava. Não era os papões que nos querem impingir. Aqui no Continente, efectivamente, quem se metia com o regime era perseguido... acredito que tenham feito atrocidades maiores. Mas ali [no Ultramar], a PIDE teve uma acção de protecção e de defesa das pessoas e dos interesses nacionais, e viu-se que quando os prenderam, deu logo para o poder cair à rua e começar a debandada dos retornados.

Qual a sua opinião relativamente ao Ultramar?

Foi uma guerra construtiva. Talvez tenha sido a única guerra construtiva no mundo. Temos que ter presente o contexto do mundo e vemos que efectivamente Angola e Moçambique estavam desprezados, à portuguesa, digamos. E lá, foi a guerra que levou dinheiro para aquilo ter desenvolvimento. Em Angola e Moçambique, deixámos muitas cidades e estradas alcatroadas que não existiam antes da guerra. As fábricas de cerveja, também são outro exemplo (não podiam faltar com o calor que sentíamos). Temos como exemplo a Barragem de Cabora Bassa, na costa oriental. Foi uma guerra construtiva e não destrutiva. Se formos ver o número de pessoas que foram mortas, em comparação com as guerras civis que ocorreram depois da "independência exemplar" naqueles países... , morreu muito menos gente. É bom realçar que nós saímos de África porque éramos "colonialistas". Mas... e o Reino Unido, que em 1982 não quis sair das Malvinas, não são a democracia mais antiga do mundo? Estávamos nós a sair e eles a defender, com unhas e dentes, as ilhas Malvinas, dos argentinos. Acho que os governos pós-25 de Abril foram governos mais racistas que o governo de Salazar. Naquela altura, africanos tanto eram brancos como pretos. Vejam o exemplo da "Casa [dos Estudantes] do Império", por onde passaram a maioria da futura classe dirigente dos movimentos de libertação. O que sucedeu? O 25 de Abril considerou que os de cor escura é que eram os nacionais e os de cor branca tinham que regressar: "os retornados". Foi uma atitude racista que houve. Fomos para África para defender o território nacional. Hoje em dia, somos europeístas e a pátria já não é A Pátria.

"O Ultramar talvez tenha sido a única guerra construtiva do mundo"

Como soube do 25 de Abril?

Penso que tinha acabado de vir de uma patrulha. Fui chamado pelo comandante da minha companhia ao estado-maior. Eram cerca das 11 horas da manhã (10 horas em Lisboa). Estava lá o inspetor da PIDE [DGS] de Metangula e referiu que tinha havido um golpe-de-estado em Lisboa, mas que estava tudo sob controlo. Foi a informação que ele recebeu com certeza de lá. A 16 de Março, tinha havido o "Golpe das Caldas" que não foi validado, mas presumo que o 25 de Abril foi validado, não pela força das armas – embora tivessem ido os canhões e aquelas coisas todas por Lisboa. O 25 de Abril foi feito de uma forma pacífica, na minha opinião, porque teve a anuência de Marcelo Caetano. O ambiente era de podridão. Vemos o ambiente de agora, estar na mesma ou pior; infelizmente, perdemos o comboio. Quando falamos de liberdade, acho que estamos a falar na libertinagem a nível global.

Então passado quase meio século após a revolução, vê um percurso que tem vindo a descarrilar?

Foi sempre a descarrilar. Começa com a "descolonização exemplar", passa pelo PREC (Processo Revolucionário em Curso), nacionaliza, desnacionaliza e acaba tudo para o capital estrangeiro. Como é que Mário Soares, o "pai da nação", o "homem da democracia", morre e deixa 1 bilião de euros aos filhos de herança? Há qualquer coisa aqui... o Salazar quando morreu, não deixou 100 contos aos filhos porque não os tinha... Há diferenças. Por muito que não se queira admitir, Salazar tinha coisas boas. Não era fascista, era corporativista; e na Europa, só houve um regime destes, nomeadamente em Itália. Se formos ver no fascismo italiano, houve um desenvolvimento e agora Itália é a 8ª potência económica mundial. Poucos ou nenhum país do [antigo] Pacto de Varsóvia é tão evoluído como a Itália.

E relativamente à democracia?

Não temos democracia. O Salazar tinha razão quando dizia que o indivíduo para votar, tinha que ter a 3ª classe e ser chefe de família, isto é ter discernimento e ser responsável. Isto de se dar o voto a uma pessoa que, por receber o saco de cimento da junta de freguesia, vai votar no partido que lhe ofereceu... isso não é democracia. Nunca a tive, como tal, fui criado no "A Bem da Nação", não na (in)justiça que por aí existe.

Não nos podemos esquecer que Salazar conseguiu juntar numa manifestação, de portugueses e portuguesas, que encheu o Terreiro do Paço em 1968, já com guerra em África. Foi ele que disse "Para a África e em força" e os nossos soldados fizeram o resto. Tenho orgulho em ser um Veterano da Guerra do Ultramar!

Que continuaram a fazer em Moçambique após a revolução?

Não podíamos abandonar aquela gente, nem devíamos ter feito aquela descolonização. Dar a representação do país aos movimentos de libertação foi um erro da esquerda, com agravante de nem os movimentos de libertação querem tal 'timing'. Fizemos o frete aos americanos, russos e cubanos, ao evacuarmos. Demos ensejo a todas as tropelias à moda leninista. As tropas autóctones que lutaram ao nosso lado não foram trazidas para a Metrópole e há relatos da sua morte.

A Força Aérea fez muito. Era o nosso escudo. Quando tínhamos problemas, sabíamos que podíamos contar com eles. Mas depois do 25 de Abril, perderam-se valores... O meu primo faleceu em Angola sem ser em combate. Uma baioneta espetou-se no pâncreas ao fazer uma curva num camião da tropa. Já nessa altura, a Força Aérea não quis fazer a evacuação. Se ele tivesse sido evacuado, tinha-se safado. Passado tempos, conheci um indivíduo que assistiu ao acidente. Disse-me que lhe deram uma garrafa de whisky. Embebedaram-no... podia ter sido salvo.

Como foi a experiência ao todo para si?

A tropa para mim foi a continuação do belo-estar familiar. Fez de mim um Homem com sentido de responsabilidade, hierarquia e disciplina. Pertenci à Reserva Naval, ou seja, os "milicianos" do Exército [i.e, da Marinha]. A Reserva Naval foi uma brilhante ideia que teve a Marinha, porque arregimentou o "Escol da Nação". Trouxe indivíduos como médicos, juristas, engenheiros, com licenciatura acima de 16, para a Classe de Especialistas; para a Classe de Marinha eram aqueles que tinham a licenciatura com média de 14 e com a cadeira de matemática; e depois vinha o resto do pessoal, a Classe de Fuzileiros, como eu, para a aventura. Nesta, éramos todos voluntários.

"O Ultramar talvez tenha sido a única guerra construtiva do mundo"

A Marinha acabou com a classe da Reserva Naval, coisa que tenho pena. Digo isto, porque sou o militar mais civil que existe. O meu cartão militar, é um cartão que não tem nem posto nem número. Por quê? Porque como sou 2º TENFZRN (PIV); na Marinha, ao acabar com a Reserva Naval, fiquei excluído. Presumo eu. Fiz as chamadas todas possíveis para que o cartão contivesse o posto e o número, tal como são os cartões de lista verde quer do Exército quer da Força Aérea. Mas o muro para desfazer a diferenciação parece maior que o Muro de Berlim. Infelizmente... Tal como nós da Reserva Naval, tivemos orgulho em termos estado na Marinha. A Marinha de Guerra Portuguesa devia ter orgulho em ter tido a servi-la à "Escola da Nação".

O papel da mulher na guerra colonial. Que tem a dizer sobre isto?

O soldado na Guerra de África ficou muito grato à mulher portuguesa. Eu tive uma madrinha de guerra e mais 4 ou 5 amigas para escrever (risos). Era a nossa distração, o momento de relaxe para os momentos críticos. Enchia-nos as baterias e matava as saudades. Lembro-me que a minha madrinha de guerra me ofereceu o livro "O grito da batalha", na noite da despedida. Consegui que eu lhe fizesse um poema. O meu irmão fez-me uma surpresa, na festa de despedida e convidou todos os meus amigos de Lisboa. Ele conseguiu juntá-los todos. Quantas madrinhas de guerra não vieram a casar com o seu soldado? Mesmo por muito estropiado que tivesse ficado, conheço muitos casos. Não nos podemos esquecer da mulher portuguesa, na cabeceira da nossa cama de hospital. A minha mãe acompanhou-me muito tempo no Hospital da Marinha enquanto estive acamado. E com especial carinho para as enfermeiras da Força Aérea, no momento da evacuação. Pareceriam um anjo da guarda, dando ânimo e aguentando a alma dos feridos. Já me encontrava separado mas, um mês depois de chegar a Metangula, a minha mulher decidiu escrever-me. Recebi 7 aerogramas dela todos juntos.

O Movimento Nacional Feminino, que por vezes é ridicularizado, também teve um papel importante no bem-estar das tropas. Lembro-me que fui a Lourenço Marques duas vezes e as senhoras numa vez deram-me um gira-discos e discos, canas de pesca, mais de 2 quilos de aerogramas para o pelotão, baralhos de cartas... Portanto, a guerra em África teve muito apoio por trás dado pela mulher portuguesa. Isso é uma coisa importante de realçar. A minha irmã mandava-me coentros, bacalhau, enchidos de porco, costeletas... eram miminhos!